

Construir o lar: um empreendimento vulgar que dá sentido ao trabalho

O ritmo de vida atual parece colocar um dilema: trabalho ou filhos; ou se trabalha ou se cuida do lar; as duas coisas ao mesmo tempo parecem uma impossibilidade.

23/03/2017

A fim de conhecer o plano de Deus para o homem e para a família é preciso voltar à origem. “Ortega y

Gasset recordou a história do explorador do Pólo que depois de apontar a sua bússola para o norte, corre com o seu trenó (...) para comprovar que se encontra ao sul da posição inicial. Ignora que não viaja por terra firme, mas sobre um grande *iceberg*, que navega com rapidez na direção oposta à sua marcha. Também hoje muitos, com boa vontade, pomos a nossa bússola apontando para o norte para avançar, ignorando que flutuamos sobre o grande *iceberg* das ideologias e não na terra firme da verdade sobre a família”[1].

Na origem da humanidade, estão as pautas necessárias, a bússola que marcará sempre o norte.

A primeira dessas pautas ou chaves, referidas no Génesis, é que fomos criados para amar e ser amados, e isto realiza-se no “sereis uma só carne”[2] de homem e mulher, um

dom de si enriquecedor e fecundo, que se abre a novas vidas. O matrimónio, configurado como entrega recíproca, como chamamento ao amor, seria uma primeira pauta.

A segunda, deriva da anterior e concretiza-se no mandamento divino: “Crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”[3]. Aqui aparece a conexão entre família (*multiplicai-vos*) e trabalho (*dominai a terra*), inseparavelmente unidos num mandamento único. Quer dizer, a partir do momento em que Deus cria o homem, fica clara a obrigação de trabalhar e também o sentido profundo do trabalho. Não se trata da mera realização pessoal, ou de um capricho, ou de um passatempo, mas de transformar a terra para a converter em lar. Desde a origem da humanidade, trabalho e família estão unidos e o sentido do trabalho não é outro senão servir a família. É uma

forma de entrega – como a dos esposos Adão e Eva – um dom de si, nunca um dom para si mesmo.

Perda do sentido da família, perda do sentido do trabalho

No entanto, no último século e meio, produziu-se – pelo menos nos países mais desenvolvidos – uma rutura, e dá a sensação de que família e trabalho, que na sua origem eram inseparáveis, são agora irreconciliáveis. A família aparece como um obstáculo para o trabalho e vice-versa. Ser mãe, por exemplo, converteu-se para muitas mulheres num *handicap* laboral. Então, onde está aquele preceito do Génesis? O que era um mandamento único e uma vocação originária, transformou-se, para muitos, num dilema: ou trabalho ou filhos; ou se trabalha ou se cuida do lar; as duas coisas ao mesmo tempo parecem impossíveis.

É significativo que esta contraposição coincida no tempo, com a crise da família. O que pode levar-nos a pensar que uma crise tenha levado à outra, porque as suas raízes estão ligadas. A perda do sentido da família implicaria a perda do sentido do trabalho. De facto, em muitos casos, não se concebe o trabalho como um serviço à família, mas como um fim em si mesmo; não há lar, ou então há lares desfeitos, abandonados, ou carentes do calor de família.

Ao produzir-se esta contraposição, em muitos países do Ocidente, inverteram-se os termos. A empresa apresenta-se como uma família e a família reinventa-se como uma empresa com divisão de tarefas e quotas paritárias, tal como indicava Arlie Hochschild num estudo com o eloquente título: “Quando o trabalho se converte em casa e a casa se converte em trabalho”[4].

Mas seria erróneo pensar que o ambiente de lar se consegue mediante quotas paritárias ou uma espécie de divisão do trabalho. Consegue-se melhor, recuperando o sentido genuíno da família e, simultaneamente, o sentido genuíno do trabalho. A verdadeira reconciliação não depende – apenas – das leis do Estado, mas fundamentalmente de que marido e mulher se reconciliem. Porque eles são os verdadeiros artífices do lar. São livres para trabalhar fora de casa e ter filhos, optando por recuperar o trabalho no lar.

Isto resolveria o dilema a que antes nos referíamos.

Virá depois a tentativa de transformar as leis para que o Estado facilite esta escolha ao serviço da família, e conseguir uma cultura empresarial nesta linha. Mas primeiro hão de ser as próprias

famílias, os esposos, a reconquistar o sentido genuíno do trabalho como dom de si e serviço ao cônjuge e aos filhos. Haverá mães que optarão por manter uma atividade profissional fora de casa e outras por se dedicarem plenamente ao lar, sendo ambas igualmente legítimas e, além disso, sabendo que o trabalho é serviço e não fim em si mesmo.

O lar, primeiro passo para superar a crise da sociedade

Assim forjado, o lar converter-se-á em ponto de encontro das duas realidades: família e trabalho. O lar como âmbito do dom de si e do amor dos esposos e, portanto, da verdadeira reconciliação; e como empreendimento vulgar que compete a todos os membros da família. A casa não é apenas refúgio para descansar e regressar ao trabalho, mas o lugar do amor sacrificado, a escola de virtudes e a

melhor resposta ao mandamento:
“crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”.

Sem sair das quatro paredes do lar,
pode transformar-se o mundo;
“Atrevo-me a dizer que a triste crise
que sofre agora a nossa sociedade
tem as suas raízes no descuido do
lar”[5].

Se o centro do lar é o amor dos
esposos que transmite vida e se
irradia para os filhos, os seus eixos
são o leito conjugal e a mesa,
entendida esta como espaço de
convivência entre pais e filhos e
entre irmãos, âmbito de ação de
graças a Deus e de diálogo. É
significativo que os ataques mais
duros que a família está a sofrer se
produzam aí. No primeiro caso, a
partir do hedonismo e da ideologia
de género, que separam os aspetos
unitivo e procriativo do ato conjugal;
e no segundo, através do ruído

gerado pelo mau uso da televisão, internet e outras tecnologias que tendem a isolar os adolescentes, impedindo a sua abertura aos outros.

Não é por acaso que uma das primeiras medidas adotadas por alguns regimes totalitários, foi proibir o fabrico de mesas altas e promover o uso de mesinhas baixas ou individuais. Com isso tornava-se muito difícil a reunião familiar ao almoço ou ao jantar. Atualmente, o abuso da televisão e das tecnologias – unido a outros fatores como o trabalho ou as longas distâncias – estão a produzir um efeito semelhante no seio das famílias.

A importância da mesa: ação de graças, diálogo, convivência

Devolver a sua importância à mesa é uma forma de recuperar o ambiente de lar. Na mesa confluem os dois elementos do duplo mandamento do Génesis: a família, pais e filhos

–“crescei e multiplicai-vos” – e o fruto do trabalho – “dominai a terra”. A mesa oferece a ocasião para agradecer ao Criador o dom da vida e os dons da terra: é diálogo com Deus, também através da materialidade dos alimentos que recebemos da Sua bondade. E tem uma decisiva função educativa e comunicativa: os filhos alimentam-se da comida e também da palavra, da conversa, do debate de ideias, e até das divergências e discussões, que contribuem para forjar o seu caráter.

Daí a importância de dedicar um tempo diário e específico à mesa. Se não é possível tomar o pequeno-almoço ou almoçar juntos, pelo menos convém reservar o jantar para propiciar esse espaço de diálogo e confraternização.

Um espaço que se prepara com tempo e entusiasmo; que se constrói com renúncia e sacrifício; que se

inicia com a bênção dos alimentos [6] e que anda à volta de um diálogo. É uma oportunidade única para que os pais eduquem não com discursos, mas com pequenos gestos, pormenores aparentemente insignificantes; e para que os irmãos aprendam a entender-se, a colaborar, a ceder... Tempos e lugares compartilhados, que formarão a sua identidade, recordações permanentes que os marcarão de modo indelével.

Uma tarefa entusiasmante que a todos compromete, uma vez que a oração, a ação de graças e o diálogo, mais do que a comida, é o que realmente alimenta e conserva a família.

Empenhar-se por uma cultura da família pressupõe “descer ” do *iceberg* das ideologias enganadoras e recuperar o sentido genuíno do duplo mandamento do Génesis. E

pode conseguir-se a partir de um espaço tão modesto como o das quatro paredes do lar, perímetro contraditório porque é sempre “maior por dentro do que por fora”, como o descrevia Chesterton; recuperando a comunicação, o amor dos esposos e a participação à mesa; deixando sempre mais um prato..., para o caso de Deus querer vir jantar nessa noite.

***Teresa Díez-Antoñanzas González
e Alfonso Basallo Fuentes***

[1] J. Granados, *Ninguna familia es una isla*, Burgos 2013.

[2] Gn 2, 24.

[3] Gn 1, 28.

[4] A.R. Hochschild, “When work becomes home, and home becomes

work”, *California Management Review* (1997), 79-97.

[5] J. Echevarría, *Carta pastoral, 1-VI-2015.*

[6] Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'*, n. 227, 24-V-2015.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/construir-
lar-emprego-sentido-trabalho/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/construir-lar-emprego-sentido-trabalho/)
(05/08/2025)